

Miradas diversas sobre o Pibid História:

Entrevista com **Katani Maria Monteiro Ruffato**

Por Caroline Pacievitch¹; Natália Pietra Méndez²

O trabalho no PIBID com a iniciação à docência possibilitou trocas de experiências entre docentes de diferentes universidades, supervisores e supervisoras e estudantes de licenciatura. Seja nos eventos do próprio PIBID, ou nas Jornadas de Ensino de História e Educação realizadas pelo GT de Ensino da ANPUH-RS, as conversas e trocas de experiências com equipes de outras universidades foram fundamentais para a reflexão da equipe que esteve à frente do subprojeto UFRGS.

Por isso, para finalizar este dossiê, entrevistamos a Profa. Dra. Katani Monteiro da Universidade de Caxias do Sul, que coordenou o Subprojeto História PIBID UCS durante 2015-16. Katani Monteiro atua na área de Teoria da História e também em Ensino de História, nas disciplinas de supervisão de Estágio Docente. Na entrevista, ela conta como foi a implementação do projeto e qual foi seu impacto na aproximação de estudantes e docentes da universidade a respeito do cotidiano da educação pública brasileira. Katani conta como a experiência do PIBID teve impacto nas escolas que abrigaram o Subprojeto, apresentando uma sensível melhora do desempenho dos estudantes na área de humanidades, bem como um crescente interesse pelos conteúdos de história. A entrevista foi realizada por e-mail, em maio de 2018. As perguntas foram elaboradas pelas organizadoras do dossiê, professoras Caroline Pacievitch e Natalia Pietra Méndez.

1 – Katani, qual foi o período em que participaste do PIBID e qual foi teu vínculo com o Projeto. Agradecemos se tiveres como ver também alguma informação sobre número de estudantes da UCS envolvidos, número de supervisores e escolas (apenas do subprojeto história).

Katani: A UCS aderiu ao PIBID em março de 2014. Lembro que fomos nós, do curso de História, que organizamos o primeiro encontro na instituição para discutir sobre a adesão das licenciaturas da UCS ao PIBID. Na ocasião, convidamos a professora Carla Meinerz, da FACED (UFRGS), para nos falar sobre o PIBID. Foi um momento muito importante, pois contamos com a experiência da

¹ Doutora em Educação pela Unicamp e professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS.

² Doutora em História pela UFRGS e professora do Departamento de História da UFRGS.

Carla, que estava envolvida com o Programa há mais tempo. Ao longo desses quatro anos, atuamos em cinco escolas, sendo três municipais e duas estaduais. Em apenas uma escola estadual o trabalho foi desenvolvido com o ensino médio, portanto, o ensino fundamental foi o nível no qual se deu a maioria das experiências. Os relatórios indicam que o PIBID possibilitou a inserção de 33 estudantes e 5 supervisores de escola, entre março de 2014 e fevereiro de 2018. Eu coordenei o subprojeto História durante o ano de 2015, até meados de 2016. Atuei com um grupo de 10 estudantes, dividido em duas escolas: a Escola Municipal Machado de Assis, situada no Bairro Reolon, na periferia da cidade, e a Escola Estadual Técnica de Caxias do Sul, localizada no Petrópolis, um bairro privilegiado, ao lado da UCS. A menção à localização das escolas é importante porque diz respeito a realidades bastante diversas, especialmente em relação às origens sócio-econômicas do público escolar.

2 – Qual foi o impacto do PIBID para a aproximação dos e das estudantes do curso de Licenciatura em História com a escola e com a sala de aula?

Katani: Realmente, essa é a questão central que torna o PIBID uma política extremamente potente em relação ao aperfeiçoamento da formação dos futuros professores e professoras da educação básica. O diálogo efetivo entre a instituição de ensino superior e o universo escolar, nos momentos iniciais da formação acadêmica, antes da experiência docente que se objetiva nos estágios, possibilita um amadurecimento que gradualmente vai se constituindo e que contribui de forma singular para a reflexão sobre a profissão, sobre seus encantos e desafios. O PIBID oportuniza experiências formativas que ultrapassam o âmbito do ensinar História, mas refere-se, substancialmente, a um outro jeito de perceber o funcionamento e o cotidiano da escola pública brasileira. É interessante notar como os acadêmicos, ao iniciar o planejamento, trazem suas memórias de estudantes da educação básica [alguns recém saíram do ensino médio] como ponto de partida para pensar a sua prática. Esse deslocamento do “lugar” de estudantes do ensino básico para o “lugar” de futuros professores e professoras de História, geralmente, é acompanhado de crítica ao ensino de História que tiveram. O que não fez sentido, o que não teve um significado não poderia ser repetido. A disposição dos pibidianos estava centrada na “mudança radical”, como alguns se referiam, nos modos de ensinar História e dos recursos didáticos. Nesse ponto, é interessante, agora eu fico lembrando, como houve, em muitos momentos, uma tensão entre pibidianos e supervisores de escola. O supervisor de uma das escolas, professor já experiente, mostrava-se reticente a algumas metodologias de ensino, e os pibidianos insistiam, argumentavam até o

convencimento da importância de tentar mudar, de experimentar. E eu sempre animei essa atitude de desacomodação. Tivemos momentos muito intensos nesse sentido.

3 – Tu atuas também como professora que supervisiona os Estágios de estudantes de Licenciatura. Percebeste alguma diferença na atuação ao longo dos estágios de quem teve participação como bolsista de Iniciação à Docência (ID) no PIBID e de quem não teve essa experiência?

Katani: A experiência com o PIBID é muito particular. Mas de forma geral, sim, é possível perceber que estagiários que passaram pela experiência do PIBID conseguem se movimentar melhor no ambiente escolar. Sabem o que cabe a cada setor da escola, conhecem procedimentos de regramento escolar, estão mais bem preparados para os encaminhamentos administrativos e burocráticos da escola. Agora, na sala de aula, quando têm que assumir e conduzir, sozinhos, uma situação de aprendizagem, a coisa é mais complicada. É porque no PIBID, há uma relação de companheirismo entre os pibidianos, que se ajudam, trabalham coletivamente desde o planejamento e, além disso, há a presença constante do professor supervisor. Eu estou falando de minha experiência, a qual foi, totalmente, voltada para o planejamento e reflexão do cotidiano em sala de aula. E essa foi uma decisão conjunta. Antes de eu assumir a coordenação, as atividades com o PIBID estavam mais voltadas para o desenvolvimento de projetos temáticos. Muitas vezes eram desenvolvidos em contraturno. Então, é claro que eu percebi em alguns estagiários o impacto do PIBID porque ele proporciona o incremento de um repertório, que inicialmente é mais teórico, aquele adquirido através dos estudos das disciplinas pedagógicas, antropológicas, filosóficas, psicológicas, as quais compõem o núcleo de formação específica das licenciaturas, além daquelas próprias do campo da História. A dimensão prática que o PIBID oportuniza faz a diferença na ampliação desse repertório.

4 – Uma das queixas de estudantes de licenciatura em história é sobre uma distância significativa entre Teoria da História e o Ensino de História. Nas aulas de Teoria volta e meia surgem questionamentos sobre como trabalhar questões relacionadas às temporalidades, memória, narrativa, relação entre o global e o local. Estudantes apresentam inseguranças sobre a possibilidade de pensar a teoria da história no ensino que é desenvolvido para a educação básica, muitas vezes acreditando que aqui é o lugar de articular “conteúdos” e “didática”. Em que medida a experiência do PIBID

contribuiu para superar esta visão de um ensino de história distanciando da teoria?

Katani: Bem, eu também trabalho com a Teoria da História no curso, e cada vez mais essa discussão tem sido colocada. A disciplina de Teoria da História da UCS tem uma carga horária, pequena, mas tem, de Prática como Componente Curricular. É um momento importante que é dedicado a pensar algumas dessas questões. Eu tenho feito um trabalho de análise de questões da teoria em livros didáticos, e num lugar específico do livro, nos elementos paratextuais e, mais específico ainda, nas apresentações dos autores dedicadas aos alunos leitores, o que corresponderia a um prefácio. Ali estão expressas, ou deveriam estar, as concepções de História que animam os autores a produzir o livro e o que eles crêem ser as funções da História. A análise desse discurso contribui para a reflexão sobre a presença da teoria no ensino de História. Outra atividade da disciplina que vai nesse sentido é a análise dos capítulos dos livros didáticos que tratam das especificidades da construção do conhecimento histórico. Esses capítulos integram os livros de 6º ano do ensino fundamental, e 1º ano do ensino médio. É muito interessante porque os acadêmicos se dão conta que aquilo que aprenderam tanto em Introdução ao estudo da História como em Teoria também são saberes escolares. É a discussão da relação entre saber acadêmico e saber escolar que se apresenta. Esses capítulos aos quais eu me refiro expressam de maneiras muito diversas esses “conteúdos”. Mas, de forma geral, propõem estudos sobre o que é História, quem constrói a História, sobre a relação da História com o tempo, o que são fontes históricas, como analisar documentos, a interdisciplinaridade, História e memória, enfim. Há um livro de ensino médio que tem um capítulo chamado “Noções de Teoria da História”. Então, eu quero dizer com essa fala que a preocupação sobre como trabalhar questões da teoria na educação básica é um movimento que tem que ter lugar na formação acadêmica. Dessa forma, essas questões foram retomadas nos planejamentos do PIBID. E, também, quero finalizar dizendo o óbvio. A articulação entre “conteúdos” e “didática” nunca é neutra. As escolhas sobre o que ensinar e como ensinar também compreendem uma certa visão de mundo e, portanto, é um exercício de teoria.

5 – O principal objetivo do PIBID sempre foi contribuir para a formação de novos docentes. No entanto, há também uma perspectiva de contribuir com a educação básica. Na tua opinião, o PIBID História fez diferença para os alunos e alunas das escolas envolvidas? Quais experiências tu destacarias?

Katani: Eu tive retorno de coordenadoras pedagógicas de

escolas a esse respeito e dos próprios supervisores. Nas escolas que receberam o PIBID, o relato é de que houve um aumento no interesse dos estudantes pela participação nas atividades propostas pelo programa e nos conteúdos trabalhados de forma diferenciada pelos pibidianos. O envolvimento foi tão grande que alguns acabaram por se interessar em cursar História também, mas para além disso, o interesse e o desempenho nas disciplinas da área de humanidades melhorou visivelmente.

Eu vou destacar uma experiência com o uso de imagens para o estudo do Absolutismo no 7º. Os pibidianos trouxeram a discussão sobre o que entendiam como uma “necessidade” levar para a sala de aula fontes visuais, “porque chamavam mais a atenção dos alunos”. Para o planejamento da unidade eu sugeri que partíssemos da leitura da obra *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*, de Peter Burke. Foram vários dias de discussão do texto de Burke, afinal muitos ainda não tinham feito a disciplina de Moderna e o uso qualificado da imagem, superando a visão simplista de documento como prova da verdade, rendeu muitas reflexões. Bem, apoiados no estudo de Burke sobre os diversos suportes nos quais o REISOL fez representar o seu poder absoluto, foram selecionadas diversas imagens, as fontes de Burke, que permeavam o cotidiano francês no período. Medalhas, estátuas, tapeçarias, pinturas, moedas, portais, vestimentas fabricam a imagem do rei através dos símbolos que reforçam seu poder político e sagrado para além dos muros dos castelos, esses artefatos se espriam pelo espaço público. Essas foram as imagens, as fontes históricas, escolhidas pelos pibidianos como recurso para trabalhar o tema com os alunos. A presença de uma ausência na forma de representação e o uso político disso, no passado, foi o mote para a problematização do conceito de absolutismo e, em sua forma mais geral, de poder. Aqui eu retorno para a questão anterior no sentido de que a ideia de representação, um tema da Teoria da História, se fez presente como saber escolar. O retorno dos pibidianos foi muito positivo. Relataram que essa foi “de longe”, a “aula” que mais mobilizou os alunos para conhecer sobre o passado.

6 – Qual é a tua avaliação sobre o futuro do PIBID?

Katani: Vivemos um período bastante incerto em relação às políticas públicas. Especificamente para a educação, o congelamento de investimentos descortina um cenário de muita insegurança. O novo edital do PIBID traz modificações no tamanho e na configuração dos grupos. Só a experiência poderá demonstrar o impacto dessas modificações. Esperamos e lutamos para que o programa continue sendo um espaço efetivo de iniciação à docência, de reflexão-reflexão para um número cada vez maior de estudantes de licenciaturas.